

# ATITUDE FILOSÓFICA

## Plano de aula

**Luis Carlos Ferreira dos Santos<sup>1</sup>**

*E-mail: lcarlosfsantos@hotmail.com*

**Disciplina:** Filosofia

**Público Alvo:** Alunos do Ensino Fundamental – 1º segmento

**Tema:** Desenvolvendo a cooperação e a solidariedade

**Duração:** 2 aulas de 50'

### Introdução

- Nos anos iniciais de aprendizagem é importante que a escola tenha a sensibilidade de desenvolver em suas atividades curriculares o desenvolvimento da cooperação e a solidariedade entre todos inseridos no espaço escolar. É de muita importância para o bom desenvolvimento pessoal e coletivo, que a comunidade discente compreendam desde cedo que o bem viver do outro é necessário para o equilíbrio e a dinâmica de vida. E o bem viver somente é concretizado quando todos estão inseridos no mundo, entretanto, o sistema de vida: “que vença o melhor” não traz o viver bem de todos introduzidos na coletividade. Com o desenvolvimento do sentimento solidário, não vence o “melhor”, mas toda a comunidade.

### Objetivos

- Entender a partir do conto Obaluwaiyê, O dono da peste<sup>2</sup>, narrado por Mestre Didi, a importância do desenvolvimento do sentimento de solidariedade e cooperação para com o outro.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e atua como estudante da REDEPECT: Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In) Formação, Currículo e Trabalho (parceria com o ICI/UFBA) nas linhas de pesquisas Achei – Africanidades, Corpo, História, Educação e (In) Formação, e Cartografia do Pensamento Contemporâneo.

<sup>2</sup> O conto pode ser encontrado em: Santos, Deoscóredes M. dos. Contos crioulos da Bahia, narrados por Mestre Didi. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 22 a 24.

### **Metodologia**

- Aula expositiva dialógica, em que todos estão abertos a escuta do outro. Será utilizado o conto Obaluwaiyê, O dono da peste, lápis de cor, tintas, papel, data show, notebook.

### **Conteúdo**

- Filosofia Africana.

### **Conteúdo específico:**

- Mitologia africana, Ética, Alteridade.

### **Leitura do resumo do conteúdo**

A proposta de desenvolver a solidariedade e a cooperação em relação ao outro é uma das questões centrais do desenvolvimento humano, pois a sociedade a qual se vive é caracterizada pela concepção em que vença o melhor. O correto é ser sempre o vencedor, porém o conto Obaluwaiyê, o Dono da Peste narrado por Mestre Didi traz uma reflexão acerca da cooperação e da solidariedade. No conto, Obaluwaiyê possui um interesse comum com toda a comunidade, que é curar as enfermidades instaladas nas cidades onde passa. Entretanto, esse sentimento solidário acontece mesmo depois de não ter sido acolhido por essas pessoas que ele depois vem curar as doenças.

### **Desenvolvimento:**

- 1ª etapa- Organize a classe em círculo.
- 2ª etapa- Antes de narrar o conto de Obaluwaiyê, o Dono da Peste, pergunta a classe como cada um concebe a cooperação e a solidariedade entre as pessoas no seu cotidiano.
- 3ª etapa- Logo após a classe se posicionar como cada um compreende esse sentimento de solidariedade para com o outro é apresentado à turma o conto.
- 4ª etapa- Apresentar à classe a imagem de Obaluwaiyê.
- 5ª etapa- Na aula seguinte propõe como atividade que em equipe construam um desenho representado o que é o mundo na perspectiva deles. O objetivo é que nesse exercício seja explorado o ato criativo da classe e, para isso, é aconselhável que utilizem papéis, tintas, lápis de cor.
- 6ª etapa- Quando cada equipe estiver terminada os desenhos, o próximo passo é construir com cada desenho um único. Isto é, cada desenho vai compor um único, cada parte vai ser responsável pela composição do todo.

### Texto- Obaluwaiyê, o Dono da Peste<sup>3</sup>



[...] há uns 900 anos passados, nasceu um menino, e os pais botaram o nome de Obaluwaiyê. Este menino foi crescendo, e quando já estava mais ou menos com uns quatorze anos de idade, resolveu sair pelo mundo para conseguir bons trabalhos e ganhar muito dinheiro para ele e seus pais.

Um dia amanheceu já preparado, tomou a benção aos pais e saiu pela porta a fora, procurando um jeito de vida. Andou, andou, andou muito mesmo, até que por fim, depois de já ter passado por varias cidadezinhas, deu numa cidade muito grande e começou a procurar emprego. Porém ninguém quis lhe atender, e por se achar esfomeado resolveu bater na porta de uma casa grande e muito bonita também. Quando vieram atender ele pediu esmola e, por resposta, fecharam a porta da casa e não lhe deram coisíssima nenhuma. Desiludido, continuou a andar, e um cachorro que estava deitado na dita porta acompanhou ele até quando chegaram numa mata virgem, onde ficaram comendo folhas e bichos de toda espécie. Obaluwaiyê por companhia naquela mata virgem só tinha o cachorro e as cobras que sempre estavam junto com ele. Mesmo assim, e com toda a fé que ele tinha em Olorum (Deus), não deixou de sofrer. Já estava com o corpo todo aberto em chagas e o cachorro era quem cuidava, com sua própria língua, aliviando as dores e sofrimentos. Obaluwaiyê já tinha perdido toda a esperança de vida e estava jogado entre as raízes dum pé de rôko (gameleira) esperando a morte. Foi quando ouviu uma voz dizer:

- Obaluwaiyê, levanta-te já cumpriste a tua missão com os teus sofrimentos, agora vais aliviar os sofrimentos daqueles que reclamam por ti.

[...] Ele aí se ajoelhou, deu graças a Olorum, e pediu para que lhe desse o direito e a virtude de poder cumprir aquela missão de acordo com a ordem que tinha recebido; e assim, com um pedaço de pau, espécie de um cajado, umas cabaças onde carregava água e remédio, e com o seu cachorrinho, começou a viagem de volta para a tribo de seus pais. Nessa ocasião, em várias tribos de lugares diferentes, estava assolando uma grande e desconhecida peste, e também morrendo gente mesmo que formiga.

<sup>3</sup> É necessário chamar atenção para informação de que o conto não está apresentado na íntegra.

[...] Obaluwaiyê passou pela última cidade que foi a primeira em que lhe negaram emprego. Se dirigiu para a casa onde lhe bateram a porta na cara negando uma esmola e pediu agasalho. Desta vez foi mais feliz. Não teve nem quem viesse atender. Devido ao estado de saúde que todos do lugar se encontravam, as casas amanheciam e anoiteciam com as portas já abertas. Logo que Obaluwaiyê entrou nessa casa aconteceu um dos mais verdadeiros milagres. Todas as pessoas que estavam doentes imediatamente levantaram da cama já curadas. Reconhecendo a Obaluwaiyê, foram caindo a seus pés pedindo perdão do que tinham feito. Ele com toda a paciência perdoava e dizia:

-Agora cada um de vocês tem de ir ver uma folha perêgum, pintar com efum osum e uáje (ingredientes africanos) e em seguida pregar a folha na casa de cada um para que Olorum tenha compaixão dos moradores desta cidade e isole todo o mal que recaiu sobre vocês.

Imediatamente foi tudo feito conforme determinação de Obaluwaiyê. A cidade se normalizou, voltando a funcionar conforme antes da peste ter caído sobre ela.

### **Atividade:**

A proposta de atividade para essa aula consiste em propor a classe para que façam um desenho como eles enxergam o mundo. O objetivo é que esse desenho seja feito inicialmente em equipes e, logo após todas elas terem realizado seus respectivos desenhos construir um único de toda a classe, a utilizar os desenhos de cada equipe para construir um único. Para compreenderem que o mundo somente poderá ser entendido a partir de uma multipluralidade de visões em relação a ele.

### **Outra sugestão de texto.**

Resumo do Texto- "A terra se expande" encontrado no livro: *Contos e Lendas Afro-brasileiros: A Criação do Mundo* (2007)- de Reginaldo Prandi.

[...] Olorum criou os orixás e atribuiu a cada um deles um de seus poderes, para que juntos governassem o mundo em seu nome.

Ante de mais nada, foi preciso criar a terra e o firmamento e o que neles deveria existir. Oxalá, o filho mais velho de Olorum, recebeu esse encargo. Olorum entregou-lhe o saco da Criação, que continha toda a matéria necessária para a produção pretendida, e disse:

"Vá e crie."

Antes de Oxalá partir, Olorum recomendou:

"Nada mais será como foi até agora. O mundo começará a existir. Lembre-se de que Exu, o mais novo de seus irmãos, recebeu de mim o poder da transformação. Sem esse poder, nada se faz: não se cria e não se destrói; não se faz crescer ou definir

nem mesmo o mais insignificante dos seres. Faça uma oferenda a Exu, você sabe do que ele gosta, e ele o ajudará na criação do mundo.”[...]

[...] Mas Oxalá, preocupado demais em elaborar em sua cabeça o projeto do mundo, nem notava a presença de Exu.

A cada passo que avançava na viagem da Criação, Oxalá ia se convencendo de que não devia nada ao irmão caçula. Ele criaria o mundo, essa era sua missão, tinha o poder para isso. Ele seria grande, pensava, seria o maior dos orixás, e sua obra, inigualável. [...].

[...] Assim pensando, Oxalá esqueceu Exu completamente. Não se lembrou de que sem o controle sobre o movimento, poder que pertencia a Exu, nenhuma empreitada poderia dar certo. [...].

[...] Para mostrar a Oxalá que ele não era tão auto-suficiente e poderoso como imaginava Exu lhe preparou três incidentes.

Primeiro fez Oxalá cair e sujar as vestes na lama. Oxalá não suportava sujeira, e teve que voltar para casa para se trocar. Perdeu um tempo. [...]

[...] Mais adiante Oxalá tropeçou numa cabaça de azeite de dendê, e de novo sua roupa teve que ser substituída.

Exu a tudo assistia e se divertia muito com a caminhada acidentada do irmão mais velho. [...].

[...] Na terceira vez, foi com carvão que Oxalá se sujou. E lá foi ele de novo se trocar. Que perda de tempo! Mesmo assim Oxalá não se lembrou de pedir auxílio a Exu. Não lhe deu nada de presente, não fez nenhuma oferenda.

Odudua, outro irmão de Oxalá, que acompanhava tudo com muito interesse e certa dose de inveja, resolveu tirar proveito da situação. Uma vez que o desastrado irmão se mostrava incapaz de cumprir logo sua tarefa, por que não tomar para si a incumbência? Afinal, o mundo não podia ficar esperando Oxalá mudar de roupa indefinidamente. [...]

Odudua deixou o presente para Exu numa encruzilhada, de onde ele vigiava quem ia de um lugar a outro, e se pôs a caminho do lugar da criação.

[...] Oxalá parou sob um dendezeiro e com seu cajado fez um furo no caule de palmeira. Do buraco jorrou um vinho fresco e encorpado. Oxalá bebeu do vinho-de-palma até matar a sede, mas a bebida lhe deu muito sono. Ali mesmo, na estrada, Oxalá adormeceu, embriago.

[...] Odudua, que de longe acompanhava com o maior interesse os movimentos do irmão, aproximou-se e sacudiu Oxalá. Constatando que Oxalá não acordaria tão cedo de seu sono entorpecido, Odudua pegou o saco da Criação, Pôs nas costas e seguiu adiante, deixando Oxalá com seus sonhos de Criador.

Chegando ao lugar da Criação, Odudua pegou as quarentas e uma correntes de ferro que trazia, uniu à outra para formar uma só corrente e por ela desceu até a superfície das águas. [...] Uma grande superfície sólida foi se formando sob os pés da galinha. O chão alastrou-se até onde os olhos de alguém já não podia enxergar. [...]

[...] Ilê Ifê, que hoje é uma cidade da Nigéria, é considerada pelos iorubas tradicionais a origem do mundo, de onde o homem si dispersou pela Terra.

### **Bibliografia:**

PRANDI, Reginaldo. **Contos e Lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. Ilustrações de Joana Lira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Deoscóredes M. dos Santos. **Obaluwaiyê, o Dono da Peste** In: Contos Crioulos da Bahia, narrados por Mestre Didi. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 22 a 24.